

DEUS:

COMO EU TE OBSERVO

Fé, sofrimento, sentido e os limites da
compreensão humana à luz da Teoria da
Compressão da Ignorância e da
Perturbação Sistêmica

Nedson Moreira Batista



DEUS: COMO EU TE OBSERVO

Fé, sofrimento, sentido e os limites da compreensão humana
à luz da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica

Nedson Moreira Batista

Monte Mor - São Paulo - Brasil

2026

NEDSON MOREIRA BATISTA

Deus: Como Eu Te Observo

Este livro convida o leitor a conhecer a mente, os sentimentos e a fé do autor a partir de uma trajetória acumulada de vida. Infância, família, trabalho, perdas, esperança, perguntas e experiência cristã aparecem como partes de uma mesma integral existencial. A TCI entra como terceira voz: uma lente para observar como o autor representa aquilo que vive, sem ocupar o lugar da fé.

As formulações filosóficas desenvolvidas nesta obra - entre elas dor epistemológica, compressão existencial e suficiência epistemológica - são propostas exploratórias nascidas do diálogo entre experiência, filosofia e TCI.

Copyright © 2026 Nedson Moreira Batista. Todos os direitos reservados.

“Não é o barulho que me incomoda, meu Deus. É o silêncio. O silêncio de não ter respostas.”

— *Nedson Moreira Batista*

“Quero compreender sempre que puder. Quando não puder, preciso aprender a continuar.”

As três vozes

Este livro se move por três vozes que pertencem ao mesmo homem, mas ocupam posições diferentes diante da experiência.

A primeira é o PENSAMENTO. É a voz íntima: pergunta, ora, teme, deseja, recorda e crê. Nela, a linguagem não nasce para demonstrar; nasce para expressar aquilo que atravessa o observador.

A segunda é O AUTOR. Depois de sentir, eu retorno ao próprio pensamento e o observo. Procuro reconhecer trajetória, excesso, permanência, contradição, esperança e sentido. É a voz que conversa com aquilo que foi vivido.

A terceira é A TCI. Ela formaliza onde a formalização é legítima: representação, observador, Ignorância Residual, trajetória, perturbação, memória e conservação das perguntas. Quando a realidade excede o que pode ser sustentado, a TCI não preenche a lacuna; preserva X.

As três vozes não competem. O pensamento revela o íntimo; o autor produz sentido; a TCI impõe disciplina ao que pode ser afirmado. É desse encontro que surge a pergunta central: Deus, como eu Te observo a partir de tudo aquilo que me tornei?

Prefácio - Um convite ao íntimo do observador

Venha conhecer uma região que normalmente permanece particular: a minha mente quando procura Deus, os sentimentos que atravessam essa procura e as perguntas que me acompanham há muitos anos. Não ofereço a fotografia de um instante. Ofereço uma trajetória - uma integral de vida em que infância, fé, dor, família, propósito, perdas, trabalho e esperança continuam atuando sobre o homem que hoje observa e escreve.

Há perguntas antigas em mim: por que sofremos, como encontrar sentido, o que fazer diante do silêncio, como proteger quem amamos, como construir um lar e como viver quando a realidade excede aquilo que conseguimos compreender. Em minha trajetória, esse problema também encontrou linguagem científica na Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica. Mas compreender teoricamente os limites da representação não elimina o desconforto de ser o observador limitado que a própria teoria descreve.

Esta obra não é uma nova versão da TCI. É um livro sobre Deus e sobre a maneira como eu O observo; sobre aquilo que minha fé confessa, aquilo que minha experiência sente, aquilo que minha razão organiza e aquilo que permanece além do que consigo representar.

Eu não posso colocar Deus dentro de uma equação e chamar o resultado de Deus. Posso, porém, observar minha própria representação: por que procuro respostas, por que o silêncio dói, por que a infância permanece no homem adulto, por que a família ocupa lugar tão profundo em mim, por que Cristo continua suficiente e por que algumas perguntas resistem ao tempo.

Quando falo em integral de vida, não reduzo uma existência a cálculo. Uso a integral como imagem de acumulação: o homem presente carrega o menino que perguntava, o jovem que sonhava, o adulto que precisou adaptar-se, o pai que teme, o pesquisador que formaliza e o cristão que continua buscando Deus.

Por isso, o íntimo exposto aqui é trajetória. Algumas palavras assumem a forma de oração; outras, de ensaio; outras, de formalização. Todas pertencem à mesma história e se dirigem à mesma pergunta: como observo Deus a partir de tudo aquilo que vivi?

Sumário

PARTE I - O HOMEM QUE PERGUNTA

- Capítulo 1 - O menino que olhava para o infinito
- Capítulo 2 - O silêncio que dói
- Capítulo 3 - Por que alguns sofrem mais?
- Capítulo 4 - Aquilo que um pai não pode proteger

PARTE II - FÉ SOB PERTURBAÇÃO

- Capítulo 5 - A casa e a tempestade
- Capítulo 6 - A graça me basta
- Capítulo 7 - A sede de compreender
- Capítulo 8 - Quando Cristo se torna maior que a resposta

PARTE III - O HOMEM QUE SE TORNA

- Capítulo 9 - O menino que continuou escrevendo
- Capítulo 10 - O sonho de uma casa
- Capítulo 11 - O vaso que pergunta para que existe
- Capítulo 12 - Memória, perturbação e reconstrução

PARTE IV - DEUS: COMO EU TE OBSERVO

- Capítulo 13 - O que eu creio, o que eu observo, o que eu não sei
- Capítulo 14 - O Deus que eu não posso comprimir
- Capítulo 15 - A pergunta permanece

PARTE I

O HOMEM QUE PERGUNTA

*A infância, o infinito, o silêncio e a descoberta de que a realidade é maior do que a
representação*

CAPÍTULO 1

O menino que olhava para o infinito

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor meu Deus, ainda na infância eu olhava para o infinito dos céus e sentia um desconforto que não sabia nomear. O céu era belo, mas era grande demais para caber em mim. Eu queria saber onde terminava, o que existia depois, como poderia haver uma realidade tão imensa diante de uma mente tão pequena.

Talvez eu não estivesse pronto para ouvir todas as respostas. Talvez nenhuma mente humana esteja. Ainda assim, alguma coisa em mim sempre insistiu: eu quero compreender. Quero saber por que as coisas existem, por que acontecem, por que doem, por que permanecem. E quando não encontro a resposta, volto para Ti.

Faz-me reconhecer, Senhor, a minha limitação sem transformar essa limitação em desespero. Se existe uma realidade maior do que aquilo que consigo enxergar, ensina-me a não confundir o limite dos meus olhos com o limite da realidade.

VOZ II · O AUTOR

Eu me lembro de olhar para o céu e não conseguir terminar o céu dentro da cabeça. A sensação não era apenas de beleza. Era também de desconforto. O céu continuava para além do que meus olhos alcançavam e, mesmo quando eu sabia que uma explicação científica poderia falar de atmosfera, espaço, estrelas e distâncias, continuava existindo uma pergunta anterior: onde termina aquilo que eu não consigo terminar mentalmente?

Talvez eu já estivesse descobrindo, sem saber, uma diferença que anos depois formularia de outra maneira: a realidade e a representação da realidade não são a mesma coisa.

A infância é particularmente importante porque o observador ainda não possui todas as categorias que utilizará mais tarde para domesticar o desconhecido. Uma criança pode não saber dizer “infinito”, “ontologia”, “cosmologia” ou “epistemologia”, mas pode experimentar o espanto que antecede essas palavras. Meu desconforto diante do céu era, antes de qualquer teoria, uma experiência daquilo que excedia a minha capacidade de representação.

Eu queria respostas. Essa característica se tornou persistente. Não me bastava que alguma coisa acontecesse; eu queria saber por quê. Não me bastava uma regra; eu queria entender a

lógica. Não me bastava uma explicação curta quando o fenômeno parecia grande demais para caber nela. Anos depois, essa insistência se tornaria força profissional, capacidade de auditoria, necessidade de escrever, desejo de formalizar. Mas a mesma insistência também se transformaria em fonte de sofrimento quando aplicada àquilo que não se deixava resolver.

Na infância, essa diferença me desconcertava. Na vida adulta, ela se tornaria teoria. Na fé, ela se tornaria oração.

Quando digo a Deus que eu queria conhecer os Seus pensamentos, estou expressando a mesma tensão em outra linguagem. Eu conheço textos, tradições, narrativas, experiências, interpretações. Mas quero aquilo que está por trás da representação: intenção, vontade, coração. É um desejo impossível de satisfazer integralmente porque qualquer resposta que eu consiga receber será, para mim, novamente mediada pela linguagem, pela memória, pela interpretação e pela minha própria trajetória.

Não digo isso para diminuir a fé. Digo porque a fé se torna mais honesta quando não confunde aquilo que creio com a pretensão de possuir Deus conceitualmente.

Deus, se é Deus, excede a minha capacidade de compressão.

E eu, se sou humano, preciso aprender a viver com essa diferença.

VOZ III · A TCI

$$M = \Phi(O,R)$$

Na TCI, o modelo M é produzido por um operador de compressão Φ que depende da realidade R e do observador O . Não existe um observador neutro que recebe a totalidade do mundo. Existe um sistema que seleciona propriedades, interpreta sinais, utiliza uma linguagem e constrói uma representação. O menino que olhava o céu não possuía a física que aprenderia depois, mas possuía algo que continuou comigo: a percepção de limite.

A TCI chama de Ignorância Residual aquilo que permanece fora da representação construída. Ela não significa ausência absoluta de conhecimento. Significa que, ao preservar certas propriedades da realidade, o modelo deixa outras além do seu espaço observacional.

$$I = R - \Phi(R)$$

A equação é conceitual. Não mede a realidade inteira nem oferece uma quantidade absoluta de ignorância. Seu papel é lembrar que o que vejo não é tudo que existe e que o que compreendo não é tudo que pode ser compreendido.

CAPÍTULO 2

O silêncio que dói

VOZ I · PENSAMENTO

Meu Deus, não é o barulho que me incomoda. É o silêncio. O silêncio de não ter respostas quando tudo o que eu queria era ouvir: filho, este é o caminho; não pise ali; faça isto; espere; continue.

Quantas vezes eu Te busquei esperando uma resposta imediata e encontrei angústia, dúvida, confusão, espera. Eu não queria uma explicação de toda a existência. Eu queria uma resposta simples para uma dor real, para uma decisão real, para um dia real.

Mesmo assim, eu continuo perguntando. Talvez porque perguntar seja também uma forma de permanecer diante de Ti. Talvez porque minha alma ainda creia que o silêncio não é necessariamente ausência, ainda que eu não saiba explicar o que ele significa.

VOZ II · O AUTOR

Existe sofrimento provocado pelo acontecimento e existe sofrimento provocado pela ausência de explicação para o acontecimento. Nem sempre são a mesma dor.

Durante muito tempo eu pedi a Deus respostas que me pareciam simples. Não pedia uma teoria do universo. Eu queria saber se deveria ir ou ficar, falar ou me calar, insistir ou abandonar, confiar ou me proteger. Queria ouvir algo semelhante a: “Filho, este é o caminho.” Mas aquilo que eu percebia era frequentemente silêncio.

O silêncio religioso pode ser compreendido de muitas maneiras pela tradição cristã. Pode ser espera, prova, ausência percebida, formação espiritual, mistério ou simplesmente incapacidade humana de reconhecer uma resposta. Este livro não pretende escolher uma causa para todos os silêncios. Fazer isso seria preencher X com uma narrativa confortável e chamar essa narrativa de conhecimento.

Mas a multiplicidade de hipóteses não elimina a dor. Ao contrário: às vezes aumenta a dor porque impede o fechamento narrativo.

A Bíblia conhece essa linguagem da pergunta. Jó pergunta. Os salmos perguntam. Os profetas perguntam. Jesus, na cruz, pronuncia o início de um salmo de abandono. A fé bíblica não

é construída apenas por pessoas que sempre sabem o que Deus está fazendo. Ela também é construída por pessoas que permanecem em relação enquanto não entendem.

Talvez isso explique por que eu não consigo abandonar a pergunta. Não porque eu tenha certeza de que receberei a explicação que desejo, mas porque perguntar também é uma forma de permanecer diante de Deus.

É por isso que o silêncio dói. Mas é também por isso que o silêncio pode se tornar parte da trajetória sem precisar se tornar o fim dela.

VOZ III · A TCI

X = variável relevante ainda não observada

A disciplina que a TCI me impõe é justamente esta: quando não sei, devo preservar a diferença entre hipótese e realidade. Pode ser que eu não tenha recebido a resposta. Pode ser que eu tenha recebido e não reconhecido. Pode ser que a pergunta esteja mal formulada. Pode ser que as condições tenham mudado. Pode ser que nenhuma resposta direta venha. Pode existir uma variável que nem sequer percebi como variável.

Foi nesse ponto que comecei a reconhecer uma espécie de dor epistemológica. Proponho, como hipótese filosófica derivada da experiência, o sofrimento gerado pela distância entre a necessidade de compreender e a insuficiência da representação disponível.

$$D_e = f(Q, A^{-1}, t)$$

Nesta formulação exploratória, Q representa a intensidade existencial da pergunta, A a disponibilidade percebida de resposta e t o tempo durante o qual a discrepância permanece. A formulação serve para expressar que perguntas diferentes possuem pesos diferentes para o observador.

Eu posso não saber a massa exata de uma estrela distante e continuar meu dia. Mas não saber se minha família estará bem, se meus filhos estão protegidos, se estou tomando a decisão certa ou se meu futuro possui direção pode alterar completamente minha capacidade de dormir, trabalhar, planejar e esperar.

O desconhecido não é igualmente perturbador em todos os domínios.

Quando o desconhecido toca identidade, amor, culpa, pertencimento e futuro, ele deixa de ser apenas lacuna informacional. Torna-se uma força que reorganiza o observador.

Na TCI, a Conservação das Perguntas descreve como o avanço do conhecimento reorganiza o espaço de investigação em vez de simplesmente extingui-lo. Na oração, percebo algo semelhante: algumas perguntas mudam de função ao longo da trajetória. No começo, “por quê?” significa “não consigo continuar sem saber”. Mais tarde, a mesma pergunta pode significar “ainda quero saber, mas consigo continuar enquanto não sei”.

O conteúdo semântico da pergunta pode permanecer. O observador que a carrega, não.

CAPÍTULO 3

Por que alguns sofrem mais?

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, por que algumas pessoas parecem sofrer tanto enquanto outras atravessam a vida com aparente facilidade? Por que pessoas fiéis passam por perdas profundas enquanto pessoas cheias de erros parecem prosperar e seguir adiante? Eu não quero invejar; eu quero compreender.

Penso em Jó, apresentado como íntegro, reto e temente a Deus, e ainda assim atravessando uma dor que seus amigos tentaram explicar com culpa. Penso em Elias: depois de ver o fogo consumir o holocausto diante dos 450 profetas de Baal, fugiu, se isolou, chegou ao limite de desejar a morte. Penso em Israel, guiado por nuvem durante o dia, por fogo durante a noite e alimentado pelo maná, e ainda assim capaz de se desviar.

Então eu me pergunto, Pai: se nem evidência, nem fidelidade, nem experiência eliminam a fragilidade humana, o que sustenta um homem? Como eu devo viver sem transformar prosperidade em prova de virtude e sofrimento em prova de rejeição?

VOZ II · O AUTOR

Há uma expectativa moral quase espontânea de que o mundo distribua resultados em proporção à virtude. Se alguém age corretamente, deveria receber estabilidade. Se alguém age de modo injusto, deveria colher rapidamente as consequências. Essa expectativa é compreensível porque produz previsibilidade moral: se eu souber quais comportamentos garantem quais resultados, consigo organizar a vida como um sistema controlável.

Mas a realidade observada não se comporta de maneira tão simples.

O Salmo 73 nasce do escândalo diante da prosperidade dos ímpios. O salmista reconhece o abalo que sente ao observar pessoas injustas aparentemente prósperas. O livro de Jó aprofunda o problema: Jó é apresentado como homem íntegro, reto, temente a Deus e alguém que se desviava do mal. Seu sofrimento impede que a dor seja reduzida a uma equação moral automática entre calamidade e culpa.

Essa leitura impede uma fórmula destrutiva:

A própria Escritura não sustenta essa implicação como regra universal. Do mesmo modo, o êxito social não demonstra superioridade moral:

A fé não deveria servir para preencher essa região com culpa.

Eu mesmo corro esse risco quando pergunto: “O que preciso fazer para que Deus finalmente me dê a família que desejo?” A pergunta pode ser um exame sincero de consciência. Porém, se eu a transformar em mecanismo de controle religioso, produzo outra equação simplista:

O evangelho não é uma máquina de troca em que a obediência compra resultados específicos. A graça não é salário por desempenho espiritual.

Posso e devo perguntar como viver de modo mais coerente com aquilo que creio. Posso rever a forma como converso, decido, reajo, amo e estabeleço limites. Mas não posso concluir que toda ausência do resultado desejado é prova de rejeição divina.

Este capítulo não pretende encerrar o problema do sofrimento desigual. Ele faz algo que considero anterior: remove explicações que não suportam a própria complexidade do fenômeno.

Às vezes, a primeira forma de sabedoria é impedir que uma resposta ruim ocupe o lugar de uma pergunta legítima.

VOZ III · A TCI

sofrimento $\Rightarrow$ culpa

resultado favorável $\Rightarrow$ superioridade moral

A TCI oferece uma razão epistemológica adicional para sermos cautelosos. Aquilo que chamo de “vida melhor” é uma representação construída a partir de propriedades visíveis: renda, estabilidade conjugal, patrimônio, saúde, reconhecimento, continuidade de projetos. Mas essas propriedades não esgotam a vida observada.

$$M_{\text{social}} = \Phi(\text{renda, status, relações, saúde, reconhecimento, ...})$$

Uma pessoa pode possuir indicadores externos favoráveis e carregar dores invisíveis. Outra pode atravessar perdas perceptíveis e ainda preservar estruturas internas de sentido, afeto ou integridade que não aparecem em uma fotografia social. Isso não é uma tentativa de consolar artificialmente quem sofre. É apenas a recusa em transformar um conjunto limitado de indicadores na totalidade de uma existência.

Minha pergunta a Deus continua legítima: por que algumas trajetórias parecem receber perturbações sucessivas enquanto outras parecem atravessar períodos longos de estabilidade? Eu não possuo uma equação causal que resolva isso. Posso investigar fatores sociais, econômicos, familiares, biológicos,

psicológicos e históricos. Posso reconhecer escolhas. Posso reconhecer acaso. Posso reconhecer injustiça. Posso reconhecer que algumas consequências se propagam em redes complexas. Mas ainda existirá uma região que não consigo atribuir com segurança.

É perigoso dizer a alguém que sofre: “isso aconteceu porque você não teve fé suficiente”, “porque não obedeceu corretamente” ou “porque Deus necessariamente quis ensinar isto”. Essas afirmações podem parecer explicativas, mas frequentemente são apenas compressões causais não demonstradas.

comportamento perfeito $\Rightarrow$ resultado desejado

CAPÍTULO 4

Aquilo que um pai não pode proteger

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor Jesus, quando oro para que guardes meu filho e minha filha, eu reconheço o tamanho do meu amor e também o tamanho da minha impotência. Eu queria poder impedir todo mal, antecipar todo perigo, colocar minhas mãos em volta de tudo aquilo que amo. Eu não posso.

Posso orientar, estar presente, trabalhar, proteger, ensinar, construir segurança. Mas existem estradas que eu não vejo, decisões que eu não controlo, acontecimentos que não alcanço. Meu amor vai mais longe do que meu poder.

Por isso eu Te entrego aquilo que excede a minha capacidade. Eu creio que Tu estás cuidando da minha família. Não porque eu consiga observar cada movimento, mas porque preciso amar sem transformar a impossibilidade de controlar tudo em desespero.

VOZ II · O AUTOR

Amar alguém significa desejar protegê-lo de uma realidade que jamais poderemos controlar por completo.

Quando oro por meu filho e por minha filha, reconheço duas coisas ao mesmo tempo. A primeira é o desejo absoluto de que nenhum mal os alcance. A segunda é a incapacidade absoluta de garantir isso por minhas próprias forças.

É desconfortável admitir essa impotência. Um pai pode trabalhar, orientar, educar, preparar, acompanhar, oferecer presença, criar estruturas de segurança e tomar decisões responsáveis. Mas não controla todas as estradas, todas as pessoas, todas as doenças, todos os acidentes, todas as escolhas futuras, todas as variáveis do ambiente. O amor é maior do que o poder causal disponível ao observador.

É precisamente aí que minha fé aparece. Não como poder mágico que passa a me pertencer, mas como entrega daquilo que não me pertence controlar.

Foi nesse ponto que percebi que uma parte significativa da vida humana acontece antes do conhecimento completo. Eu respiro sem conhecer a dinâmica molecular de cada inspiração. Como sem compreender todas as reações metabólicas. Entro num carro sem recalcular toda a

engenharia mecânica. Durmo confiando que meu corpo continuará funcionando durante horas em que minha consciência não supervisiona nada.

A vida sempre exigiu participação em realidades parcialmente compreendidas.

Quando digo “Senhor, guarda meus filhos”, reconheço que meu desejo excede minha capacidade. Eu não estou afirmando que poderei verificar cada intervenção divina. Estou confessando que minha responsabilidade termina em algum lugar e que, depois desse limite, continuo amando.

A oração me permite amar sem transformar a impossibilidade de controle em desespero absoluto.

Talvez isso seja uma das funções existenciais mais profundas da fé: não prometer que nada de ruim acontecerá, mas permitir que o observador reconheça seu limite sem ser destruído por ele.

VOZ III · A TCI

Podemos distinguir, filosoficamente, dois espaços:

Ω_O = espaço que o observador consegue observar

A_O = espaço em que o observador consegue agir

Nenhum deles coincide com a realidade integral. Eu não observo todos os riscos e não consigo agir sobre todos eles. Essa diferença entre amor e capacidade de controle é uma das experiências mais vulneráveis da paternidade.

Eu creio que Deus protege. Essa é uma confissão de fé. A TCI não demonstra essa proteção. O que a TCI me impede de fazer é outra coisa: transformar o limite da minha percepção no limite da realidade.

não vejo uma saída $\Rightarrow$ não existe saída

não observo proteção $\Rightarrow$ proteção é impossível

A segunda formulação não prova que a proteção exista. Apenas impede uma conclusão maior do que a observação permite. A fé ocupa outro plano: eu decido confiar.

Isso não torna ciência desnecessária. Pelo contrário: quanto mais conhecemos, mais podemos agir responsavelmente. Mas nenhum conhecimento disponível nos permite adiar toda ação até que a realidade seja integralmente representada.

Ação(t) acontece sob $I(t) > 0$

Agimos sob Ignorância Residual. Amamos sob Ignorância Residual. Criamos filhos sob Ignorância Residual. Tomamos decisões sob Ignorância Residual.

Talvez a confiança seja uma estrutura inevitável da existência humana, mesmo antes de se tornar confiança religiosa. A diferença é que, na minha fé, essa confiança recebe um destinatário: Deus.

PARTE II

FÉ SOB PERTURBAÇÃO

A casa, a graça, a sede e a possibilidade de continuar quando a resposta não vem

CAPÍTULO 5

A casa e a tempestade

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, a Tua palavra diz que pela sabedoria se edifica a casa. E Jesus fala de uma casa construída sobre a rocha: vieram chuva, rios, ventos, e ela permaneceu porque tinha fundamento.

Faz-me enxergar essa casa. Faz-me construí-la. Não uma casa isenta de tempestades, mas uma casa capaz de permanecer quando a tempestade chega. Ensina-me a reconhecer o que é fundamento e o que é apenas facilidade aparente.

Eu pedi durante tantos anos uma casa, uma família, um lar. Agora Te peço também a capacidade de sustentá-los: sabedoria para conversar, humildade para pedir perdão, firmeza para estabelecer limites, paciência para ouvir, verdade para não construir sobre areia.

VOZ II · O AUTOR

A parábola da casa sobre a rocha me impressiona porque ela não promete uma casa sem tempestade.

Em Mateus 7:24-27, Jesus encerra o Sermão do Monte contrastando o homem prudente, que ouve suas palavras e as pratica, com o homem insensato, que ouve e não pratica. Chuva, rios e ventos atingem as duas casas. A diferença está no fundamento.

Por isso, uma frase surgiu com força ao longo dessa reflexão: a firmeza não é demonstrada pela inexistência da tempestade; ela é revelada pela resposta à tempestade.

Quando aplico a parábola à minha vida familiar, a pergunta deixa de ser somente “como consigo a casa que sempre desejei?” e passa a ser “quais fundamentos precisam existir em mim para que essa casa permaneça quando as condições deixarem de ser favoráveis?”

Isso muda a oração.

Não peço apenas resultado. Peço estrutura.

Não peço apenas alguém com quem viver. Peço capacidade de conversar quando nossas vontades divergirem, pedir perdão sem me destruir, estabelecer limites sem desumanizar, escutar

sem transformar toda discordância em rejeição, sustentar responsabilidade quando o afeto estiver cansado.

Talvez eu tenha passado muitos anos pedindo a Deus uma casa. Ao amadurecer essa reflexão, comecei a pedir outra coisa: capacidade de edificá-la.

E isso me confronta porque é possível desejar uma realidade para a qual ainda estou aprendendo a construir fundamento. A vontade de possuir algo e a capacidade de sustentá-lo são variáveis diferentes.

A sabedoria bíblica não promete uma vida sem intempéries. Ela insiste em fundamentos.

Se a casa permanece, não é porque o vento desistiu. É porque o fundamento não dependia da ausência do vento.

VOZ III · A TCI

Isso se aproxima de uma pergunta importante para a TCI: quais propriedades de um sistema permanecem ocultas enquanto as condições são favoráveis?

$$S \text{ — } P \rightarrow S'$$

Uma casa pode parecer estável quando P, a perturbação, é baixa. Um relacionamento pode parecer saudável quando não existem conflitos importantes. Uma organização pode parecer eficiente quando não sofre pressão. Um modelo pode parecer preciso dentro do conjunto de condições em que foi construído.

A perturbação revela propriedades que o estado estável não exigia mostrar.

Resistência. Fragilidade. Elasticidade. Coesão. Dependência. Capacidade de reorganização.

Isso não significa que toda tempestade seja enviada por Deus para revelar alguma coisa. Seria uma atribuição causal que não posso fazer de modo universal. Uma perturbação pode revelar fragilidade sem que sua finalidade causal tenha sido ensinar. Revelação observacional e finalidade causal são categorias distintas.

Esse cuidado é central para a TCI. Um evento E pode produzir efeitos observáveis sem que o observador tenha acesso seguro à intenção que o originou.

$$\text{efeito observado} \neq \text{finalidade demonstrada}$$

Fragilidade pode ser entendida como estabilidade excessivamente dependente de condições favoráveis. Robustez, como a preservação de propriedades essenciais sob perturbação.

Na linguagem desta obra, robustez designa a preservação de propriedades essenciais sob perturbação. A ideia é compatível com a lógica sistêmica da TCI: a resposta de um sistema depende de sua estrutura, de sua conectividade e de sua trajetória.

CAPÍTULO 6

A graça me basta

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, a Tua graça me basta e o Teu poder se aperfeiçoa na fraqueza. Essa palavra me confronta porque eu passei grande parte da vida acreditando que descansaria quando finalmente entendesse.

Paulo pediu que o espinho se afastasse. A resposta não foi a explicação de tudo nem a retirada imediata daquilo que o afligia. Foi graça suficiente. Então talvez eu também precise aprender que uma pergunta pode permanecer aberta sem me destruir.

Minha fraqueza é essa necessidade intensa de compreender. Ela me move, me faz estudar, escrever, investigar. Mas também me cansa. Ensina-me, Senhor, a continuar buscando sem transformar a resposta completa em condição para viver.

VOZ II · O AUTOR

Durante boa parte da minha trajetória de busca, minha lógica parecia ser simples: tenho uma pergunta, preciso de uma resposta; quando a resposta chegar, descansarei.

Então me lembrei de Paulo.

Em 2 Coríntios 12, Paulo fala de um “espinho na carne” e afirma ter pedido repetidamente que aquilo se afastasse. A resposta recebida não é a retirada do problema, mas a suficiência da graça: “a minha graça te basta”. O ponto teológico é decisivo. A resposta não elimina necessariamente a perturbação; modifica a relação do observador com ela.

Isso abriu em mim uma possibilidade que até então parecia quase ofensiva à minha necessidade de compreender: talvez eu possa continuar mesmo quando X permanece X.

Eu não chamo isso de desistência. Desistir seria abandonar a busca porque conhecer não importa. O que estou tentando formular é diferente: reconhecer que o conhecimento integral jamais será uma pré-condição possível para viver.

Na fé cristã, entretanto, esse movimento não termina numa técnica de tolerância à incerteza. Ele tem conteúdo. Eu digo que a graça de Cristo me basta. Isso é diferente de dizer apenas

“aprendi a conviver com o desconhecido”. Minha confiança está ligada a uma narrativa: encarnação, cruz, ressurreição, presença e promessa.

Há, contudo, uma inferência perigosa que preciso evitar: afirmar que a graça de Deus é suficiente dentro da realidade que vivo não significa declarar que tudo o que acontece comigo corresponde diretamente à vontade moral de Deus.

O mundo bíblico contém pecado, injustiça, decisões humanas, sofrimento, acidente, responsabilidade e consequências. A confiança cristã não exige chamar o mal de bem para afirmar que Deus permanece presente.

Essa distinção preserva a fé de um fatalismo que chama qualquer acontecimento de “vontade de Deus” apenas porque aconteceu.

Há uma liberdade inesperada nessa percepção. Eu posso continuar investigando causas, corrigindo decisões, buscando justiça, tratando feridas e tentando construir uma vida melhor, sem fazer da explicação total um requisito para reconhecer a graça.

Talvez a frase “a graça me basta” seja tão poderosa justamente porque não diz “agora eu entendo tudo”. Diz: “mesmo sem entender tudo, não estou reduzido ao que não entendo”.

Perguntar me fez avançar.

Perguntar também me fez sofrer.

Talvez a graça não destrua a pergunta. Talvez ela diminua a obrigação de resolvê-la imediatamente.

VOZ III · A TCI

$$Q \rightarrow A \rightarrow \text{paz}$$

$I > 0$ e, ainda assim, a vida continua

A TCI já sustenta que a Ignorância Residual não desaparece completamente em representações finitas. Se eu transformar $I = 0$ em requisito para a paz, crio uma condição impossível.

Foi então que surgiu uma ideia que denomino, provisoriamente, suficiência epistemológica: um estado em que o observador reconhece que sua representação continua incompleta, mas deixa de exigir a eliminação de toda Ignorância Residual para poder agir, descansar ou encontrar sentido.

Suficiência não significa fechamento. Significa limite aceito.

realidade presente $\neq$ automaticamente vontade moral de Deus

A mesma característica que me levou a criar, estudar e formular pode me impedir de descansar: a necessidade de compreender. Minha força cognitiva e minha fragilidade existencial podem nascer do mesmo lugar.

CAPÍTULO 7

A sede de compreender

VOZ I · PENSAMENTO

Jesus, lembro-me da mulher samaritana junto ao poço de Jacó. Ela foi buscar água e ouviu falar de uma água viva, de uma fonte que não se esgota no mesmo ciclo da sede de cada dia.

Que sede é essa que existe em mim? Eu recebo uma explicação e logo surge outra pergunta. Resolvo uma questão e outra se abre. Quero compreender o relacionamento, os filhos, o trabalho, a justiça, o futuro, a fé. Minha mente parece sempre voltar ao poço.

Se Tu és maior do que as respostas particulares que procuro, ensina-me a beber de uma presença que não dependa de eu fechar todas as perguntas. Eu ainda quero entender, mas não quero que a necessidade de entender seja maior do que a capacidade de viver.

VOZ II · O AUTOR

Em João 4, Jesus encontra uma mulher samaritana junto ao poço de Jacó. Ela chega em busca de água e o diálogo se desloca para outra sede: a vida que recebe de Deus uma fonte que não se esgota no mesmo ciclo da necessidade cotidiana.

Essa cena se tornou, para mim, uma imagem da necessidade incessante de explicações. A água física volta a ser necessária; do mesmo modo, uma resposta particular pode aliviar uma pergunta sem eliminar a condição de ser um observador limitado.

É possível que minha busca por Deus tenha, em alguns momentos, reproduzido essa estrutura. Eu queria uma resposta sobre uma relação; depois precisaria de outra sobre os filhos; depois outra sobre trabalho; outra sobre justiça; outra sobre futuro. Deus correria o risco de se tornar apenas o mecanismo por meio do qual tento fechar sucessivamente lacunas informacionais.

Mas a fé cristã que me formou afirma algo maior. Cristo não é apresentado apenas como fornecedor de respostas particulares. É apresentado como fonte, caminho, verdade, vida, presença.

Eu continuo com sede de compreender. Talvez sempre continue. Mas nem toda sede precisa ser tratada como prova de abandono.

Talvez beber da água viva, na minha experiência, signifique algo como isto: continuar desejando conhecimento sem transformar o conhecimento em condição absoluta para ser amado, viver, confiar e respirar.

VOZ III · A TCI

Uma resposta resolve uma pergunta, mas não elimina a condição de ser um observador limitado.

$$Q_1 \rightarrow A_1 \rightarrow Q_2 \rightarrow A_2 \rightarrow Q_3 \rightarrow \dots$$

Cada resposta pode abrir novas perguntas porque a expansão observacional modifica a fronteira do desconhecido. Essa ideia já pertence ao núcleo da TCI: o crescimento do conhecimento amplia simultaneamente aquilo que compreendemos e aquilo que passamos a reconhecer como ainda desconhecido.

Se eu procurar numa resposta particular a eliminação definitiva da sede de compreender, exigirei daquela resposta uma função que ela não pode cumprir.

Isso reorganiza minha pergunta: e se a fé não eliminar a sequência Q_1, Q_2, Q_3 , mas modificar aquilo de que depende minha capacidade de continuar enquanto a sequência permanece aberta?

Na linguagem deste livro, isso significa que a fé talvez não forneça A_∞ , uma resposta infinita que encerra todas as perguntas. Ela pode oferecer fundamento existencial para que o observador não seja destruído pela continuidade delas.

Existe também um cuidado epistemológico: não devo usar Deus como preenchimento automático de lacunas. Dizer “não sei, logo Deus fez assim por esta razão” não é fé; pode ser apenas uma compressão causal disfarçada de certeza religiosa.

A fé pode dizer “eu creio que Deus está presente” sem afirmar “eu conheço a causa específica de cada acontecimento”.

Essa distinção protege a dignidade da pergunta e a humildade do observador.

CAPÍTULO 8

Quando Cristo se torna maior que a resposta

VOZ I · PENSAMENTO

Meu Deus, existe algo que me alcança antes das minhas perguntas: Cristo. A cruz. A ideia de que alguém sem o peso dos meus pecados se entregou por mim e atravessou o sofrimento até a morte.

Quando leio que o Verbo estava com Deus e era Deus, e que o Verbo se fez carne, eu não encontro apenas uma explicação. Encontro uma presença que entra na condição humana. Quando leio que Cristo se esvaziou, assumiu forma de servo e foi obediente até a morte de cruz, eu encontro uma medida de amor que excede o meu cálculo.

Talvez seja por isso que Cristo pode ser maior do que a resposta. Eu ainda digo: Deus, fala comigo. Mas consigo acrescentar: permanece comigo enquanto eu ainda não entendo.

VOZ II · O AUTOR

A cruz altera a natureza da minha busca.

Se Deus fosse apenas a fonte das respostas que desejo, minha relação com Ele dependeria do fluxo de informações recebidas. Quando a resposta viesse, eu me aproximaria. Quando não viesse, eu interpretaria o silêncio como distância.

Mas o cristianismo me apresenta uma narrativa anterior às minhas perguntas particulares: Cristo se fez carne, sofreu, foi crucificado e, pela fé cristã, venceu a morte. Eu posso discutir teologia, história, interpretação e doutrina. Posso investigar os textos do Novo Testamento. Mas, enquanto cristão, a cruz não é para mim apenas objeto histórico. É a medida narrativa de um amor que me alcança antes que minhas perguntas estejam resolvidas.

Isso produz outra estrutura:

Essa fronteira é uma das decisões mais importantes deste livro.

Foi nessa interseção que percebi que Cristo pode se tornar maior que a resposta. Não porque a resposta deixe de importar. Eu continuo querendo entender. Continuo desejando direção. Continuo pedindo que Deus fale. Mas a relação com Deus deixa de existir apenas como meio para obter aquilo que preciso.

Se nenhuma resposta particular vier hoje, a cruz permanece no centro daquilo que creio.

Se amanhã eu descobrir que uma interpretação estava errada, isso não destrói automaticamente a experiência de graça que organizei em torno de Cristo.

A pergunta pode permanecer. O fundamento pode permanecer também.

Talvez esta seja a diferença entre buscar uma solução e buscar uma presença. Soluções terminam quando o problema termina. Presença atravessa o problema.

Foi isso que mudou ao longo dessa reflexão. No começo eu dizia: “Deus, responde-me”. Aos poucos comecei a dizer outra coisa: “Deus, permanece comigo enquanto eu ainda não entendo”.

A frase parece menor. Para mim, é muito maior.

VOZ III · A TCI

não compreendo tudo + creio que fui amado → posso continuar confiando

Na voz da fé, essa relação é confessada; na voz da TCI, ela permanece fora do campo de demonstração empírica. As duas linguagens podem coexistir sem que uma precise ocupar indevidamente o lugar da outra.

Quando cito João 1 e digo que o Verbo estava com Deus e era Deus, estou confessando a cristologia do texto. Quando lembro Mateus 28 e a promessa da presença “todos os dias”, estou entrando na linguagem da fé. A TCI pode analisar como essas proposições são recebidas, representadas e integradas à trajetória do observador. Não pode convertê-las em resultados experimentais por simples formalização.

Eu não preciso diminuir a fé para preservar a ciência. Também não preciso deformar a ciência para proteger a fé.

A TCI pergunta: o que o observador consegue representar? Minha fé pergunta: em quem confio quando minha representação termina?

PARTE III

O HOMEM QUE SE TORNA

Trajetória, memória, família, escrita e a identidade que persiste enquanto tudo muda

CAPÍTULO 9

O menino que continuou escrevendo

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, faz-me recordar o menino que sonhava em escrever. A avó que escrevia poemas. A alegria de participar de um concurso e ver meu poema reconhecido. A criança que imaginava palavras antes de imaginar profissão.

A vida me levou para números, apurações, tecnologia, computadores, programação, regulação, auditoria. Eu precisei me adaptar. Precisei sobreviver. Muitas vezes pensei que o sonho tinha ficado para trás.

Mas talvez aquele menino nunca tenha parado de escrever. Talvez ele apenas tenha aprendido outras linguagens. Relatórios, procedimentos, mensagens, análises, teorias. Talvez a escrita tenha atravessado tudo, esperando o momento em que eu pudesse reconhecê-la novamente.

VOZ II · O AUTOR

Existe uma versão da minha história em que o sonho foi interrompido. O menino queria ser poeta, tinha uma avó que escrevia, foi incentivado, participou de um concurso e viu um poema seu ser reconhecido. Depois a vida chegou com a necessidade de trabalhar, sobreviver, aprender outras funções e ocupar outros lugares.

Nessa versão, a escrita foi deixada para trás.

Mas existe outra maneira de observar a mesma trajetória.

O menino não parou de escrever. Apenas passou a escrever outras coisas.

Relatórios. Mensagens. E-mails. Procedimentos. Argumentos. Regulamentos. Análises. Textos técnicos. Teorias.

O objeto mudou, a linguagem mudou, as circunstâncias mudaram, mas uma propriedade parece ter persistido: a necessidade de transformar experiência e complexidade em linguagem suficientemente organizada para ser compreendida.

Eu trabalhei em contextos diferentes porque a sobrevivência exigiu adaptação. A adaptação não precisa significar ausência de continuidade.

Talvez o que eu chamava de desvio fosse formação.

Não digo isso para romantizar todo sofrimento profissional ou toda necessidade econômica. Algumas rotas realmente nos afastam do que desejamos. Algumas circunstâncias apenas nos obrigam. Mas, retrospectivamente, posso observar que cada domínio acrescentou linguagem ao escritor que eu ainda não sabia que estava formando.

Os números ensinaram estrutura.

A tecnologia ensinou sistemas.

A regulação ensinou a importância da norma, da evidência e da interpretação.

A auditoria ensinou a procurar aquilo que não foi observado.

A vida pessoal ensinou que modelos humanos podem ser destruídos quando confundimos percepção com totalidade.

A fé ensinou que nem toda região desconhecida precisa ser preenchida artificialmente.

Então surgiu a TCI.

Talvez eu não tenha voltado à escrita.

Talvez eu nunca tenha saído completamente dela.

VOZ III · A TCI

Na TCI, a identidade não é tratada como fotografia estática. A Versão 16 desenvolve a Identidade como Trajetória Observacional: sistemas carregam história, memória, perturbações e reorganizações. O estado atual não esgota aquilo que o sistema é.

$$S(t) \neq Id(t)$$

Uma profissão em determinado momento é um estado. Uma função é um estado. Um endereço é um estado. Uma relação é um estado. Se eu confundir qualquer um deles com identidade total, comprimo minha própria trajetória até torná-la irreconhecível.

A TCI ainda não existia como formulação durante aqueles anos; ainda assim, é possível reconhecer retrospectivamente que o padrão cognitivo que mais tarde encontrou uma formulação teórica é anterior à formalização.

A própria Versão 16 começa afirmando que nenhuma teoria nasce no instante em que recebe um nome. Antes, existe como perguntas, inquietações e tentativas de compreender padrões aparentemente desconectados.

Quando aplico essa ideia ao autor, descubro uma continuidade que não era visível em cada estado isolado.

CAPÍTULO 10

O sonho de uma casa

VOZ I · PENSAMENTO

Pai, o desejo de ter uma família não nasceu agora. Eu era criança e já sonhava com um lar. Vendia tomate e pimentão de porta em porta; ainda menino carregava madeira pesada; adolescente, pensava em terreno. Em cada fase havia uma imagem de futuro.

Por isso dói quando aquilo que mais desejei parece ser justamente aquilo que mais escapa das minhas mãos. Eu não quero transformar esse sonho em ídolo, nem exigir de Ti a forma exata que imaginei. Mas também não quero fingir que ele não existe.

Ensina-me a construir família não apenas como cenário, mas como presença, compromisso, responsabilidade e amor. E, se a realidade não coincidir com a imagem que formei, não permita que a distância entre sonho e presente se torne a medida do meu valor.

VOZ II · O AUTOR

O desejo de família não nasceu na crise. Essa constatação é importante porque impede que eu o trate como simples reação ao presente.

Ao observar minha própria trajetória, volto à infância: trabalhar muito cedo, vender de porta em porta, carregar peso, pensar em terreno ainda adolescente e imaginar uma casa. A memória não veio para construir uma imagem heroica da infância. Veio porque percebi que o sonho atravessou estados muito diferentes da minha trajetória.

A criança não concebia família como o adulto concebe. O conteúdo amadurece, muda, sofre interferências, recebe nomes diferentes. Mesmo assim, uma propriedade persiste: o desejo de pertencimento, lar, continuidade afetiva e proximidade dos filhos.

Por isso, quando a realidade atual confronta esse desejo, a perturbação não incide apenas sobre o homem presente. Ela atravessa memória e identidade.

Talvez seja por isso que certas perdas me atingem com intensidade que outra pessoa não compreenderia a partir do evento isolado. O evento atual toca uma estrutura histórica.

Isso não significa que meu sonho esteja automaticamente correto em todos os detalhes. Um desejo antigo pode ser profundo e ainda conter idealizações. Pode expressar identidade e, ao

mesmo tempo, tornar-se uma representação tão rígida que qualquer vida diferente passe a parecer fracasso.

Eu posso reconhecer que a família é um valor central sem concluir que Deus me deve a forma exata que imaginei. Posso trabalhar para construir proximidade, segurança e lar sem transformar qualquer desvio da imagem ideal em prova de derrota existencial.

Essa distinção não reduz o sonho. Ela o torna mais responsável.

Eu sou mais do que a distância entre a minha realidade atual e o meu ideal.

Minha família também é mais do que uma imagem perfeita de família.

Talvez a casa que eu peço a Deus precise ser construída não apenas externamente, mas na maneira como defino presença, compromisso, responsabilidade, convivência e amor.

Essa possibilidade não elimina o luto por aquilo que não aconteceu. Apenas impede que o luto decida sozinho o significado de toda a trajetória.

VOZ III · A TCI

Podemos chamá-lo, apenas como ferramenta narrativa, de $D_F(t)$: o desejo de família ao longo do tempo.

$D_F(t_1) \neq D_F(t_2)$, mas existe continuidade histórica

A TCI chama atenção para a Persistência Causal e a Memória Sistêmica: eventos anteriores podem modificar a resposta atual de um sistema muito depois de terem terminado. Dois sistemas aparentemente semelhantes reagem de modo diferente ao mesmo estímulo porque carregam trajetórias diferentes.

Essa é uma das perguntas mais difíceis do livro: como distinguir persistência identitária de fixação representacional?

desejo persistente $\neq$ garantia de destino

Durante anos, talvez eu tenha medido a minha vida pela distância entre aquilo que imaginei e aquilo que consegui observar. Quanto maior a diferença, maior a sensação de fracasso.

$$\Delta_F(t) = D_F(t) - M_F(t)$$

Uso essa expressão como representação conceitual da discrepância entre o lar desejado e a configuração familiar percebida. Ela não pretende medir clinicamente uma vida nem transformar afeto em quantidade exata.

O problema surge quando transformo Δ_F na medida total do meu valor.

CAPÍTULO 11

O vaso que pergunta para que existe

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, penso no oleiro de Jeremias, no barro ainda em suas mãos, no vaso que se estraga enquanto é moldado e é refeito de outra maneira. Essa imagem me toca porque eu também não me sinto pronto.

Eu sou trajetória. Sou matéria que foi pressionada, misturada, marcada, moldada. Algumas experiências me tornaram alguém que já não pode simplesmente voltar ao estado anterior. Talvez reconstrução não seja voltar; talvez seja ser refeito sem perder a memória do que me atravessou.

E então eu Te pergunto: para que servirei? Qual é o propósito daquilo em que estou me tornando? Não quero apenas sobreviver. Quero que minha vida tenha direção, utilidade, sentido. Quero colocar aquilo que sou a serviço de algo que ultrapasse a mim mesmo.

VOZ II · O AUTOR

Há um momento em Jeremias 18 em que o profeta desce à casa do oleiro e observa um vaso se estragar nas mãos de quem o moldava. O oleiro o refaz, produzindo outro vaso conforme lhe parece adequado. A imagem é dirigida, no contexto, a Israel e à soberania de Deus sobre a nação.

Jeremias 18 me leva à casa do oleiro enquanto o barro ainda está sendo trabalhado. O vaso se estraga nas mãos do artesão, e o mesmo barro é novamente moldado conforme lhe parece melhor. A imagem me faz pensar em formação, plasticidade, ruptura e continuidade. O processo posterior da cerâmica - secagem, queima e acabamento - amplia a metáfora: algumas transformações deixam marcas que já não podem ser simplesmente desfeitas.

Quando pergunto a Deus “qual é o meu propósito?”, não estou perguntando apenas quem eu era antes das perturbações. Pergunto o que pode ser feito com aquilo em que me tornei.

Quando observo a natureza, vejo seres vivos atravessando rotinas de alimentação, proteção, reprodução, cuidado e adaptação. A imagem me devolve uma diferença humana que me inquieta: além de continuar biologicamente vivo, eu consigo perguntar conscientemente para que vivo.

Talvez propósito não seja descobrir um rótulo final para o vaso.

Talvez seja aprender a colocar aquilo que sou, neste estágio da trajetória, a serviço do bem que consigo observar agora.

VOZ III · A TCI

Daí nasce uma pergunta mais profunda: nem toda transformação humana é reversível, e reconstrução nem sempre significa retorno ao estado anterior.

$$S(t_1) \text{ —} P \rightarrow S(t_2), \text{ e } S(t_2) \text{ pode não retornar a } S(t_1)$$

Algumas experiências nos modificam de tal maneira que “restauração” não pode significar voltar exatamente ao estado anterior. Pode significar reorganizar-se em $S(t_3)$, carregando marcas de $S(t_2)$ sem permanecer destruído por elas.

Isso é muito próximo da Memória Sistêmica da TCI. A história não é apenas arquivo. É modificação estrutural que influencia respostas futuras.

Essa é uma mudança fundamental da pergunta causal para a pergunta teleológica.

Causa: por que isto aconteceu?

Propósito: o que farei com aquilo em que isto me transformou?

Uma resposta teleológica não substitui a causal. Também não justifica todo sofrimento. Seria cruel olhar para qualquer trauma e dizer que ele “precisava acontecer” para produzir propósito. Eu não possuo acesso para afirmar isso.

Mas posso reconhecer que um acontecimento sem causa plenamente compreendida ainda pode ser incorporado posteriormente a um sentido construído.

Sobrevivência: como continuo?

Propósito: para que continuo?

Essa pergunta é capaz de reorganizar sofrimento. Enquanto pergunto apenas “por quê?”, permaneço voltado para uma cadeia causal que talvez nunca reconstrua integralmente. Quando pergunto “o que faço agora?”, parte da agência retorna ao observador.

Não é controle total. É possibilidade de ação dentro do espaço disponível.

Talvez eu nunca seja um vaso “terminado”. Talvez formação e serviço aconteçam simultaneamente. Talvez eu escreva enquanto ainda estou sendo transformado, ame enquanto ainda aprendo a amar, ajude enquanto ainda preciso de ajuda, ensine enquanto continuo estudando.

formação ↔ ação

A pergunta “quando estarei pronto?” pode conter a suposição de que existe uma fronteira nítida entre tornar-se e servir. A vida parece menos organizada do que isso.

CAPÍTULO 12

Memória, perturbação e reconstrução

VOZ I · PENSAMENTO

Meu Deus, talvez ser restaurado não seja voltar a ser quem eu era antes de sofrer. Existem marcas que permanecem, lembranças que alteram a forma como eu respondo, perdas que mudam minha maneira de olhar o futuro.

Eu não quero ser prisioneiro dessas marcas, mas também não quero mentir para mim mesmo dizendo que elas não existem. Faz-me integrar o que vivi sem permitir que o passado determine sozinho o que ainda posso ser.

Transforma memória em sabedoria, não em sentença. Que aquilo que me feriu não tenha o direito de definir todo o meu futuro. Que eu continue.

VOZ II · O AUTOR

Reconstrução, então, não significa apagar a trajetória.

Se uma experiência deixou marca, fingir que a marca não existe não é restauração. Talvez restauração seja reorganizar a relação com aquilo que permanece.

Essa ideia é particularmente importante para a fé. Às vezes, linguagem religiosa transforma cura em retorno a um estado idealizado anterior à dor. Mas há experiências depois das quais não voltamos iguais. O cristianismo, inclusive, utiliza frequentemente imagens de nova criação, renovação e transformação, não apenas de reversão cronológica.

Eu não quero ser prisioneiro do sofrimento. Também não quero fingir que ele não me modificou.

A pergunta passa a ser: que propriedades quero preservar e quais precisam ser reorganizadas?

A TCI reconhece que modelos evoluem por expansão observacional. Talvez uma vida também possa amadurecer assim: não eliminando a história, mas incorporando novos referenciais que alteram o significado dos mesmos acontecimentos.

É continuar.

VOZ III · A TCI

Uma fotografia pode registrar meu rosto. Não registra a história inteira que tornou aquele rosto possível.

Esse princípio parece simples, mas tem consequências profundas quando aplicado a uma pessoa. O estado presente é apenas um corte temporal numa trajetória que contém acontecimentos, escolhas, relações, perdas, aprendizagens, expectativas e memórias.

Na TCI, a Trajetória Observacional é representada pela acumulação histórica do conhecimento:

$$T(t) = \int K(t) dt$$

A integral não é usada aqui para fingir que uma vida pode ser calculada exatamente. Ela expressa a necessidade de integrar tempo. Certos fenômenos não existem adequadamente num instante isolado.

A Persistência Causal acrescenta outro elemento: uma perturbação pode continuar influenciando o sistema depois que sua causa imediata desapareceu. Memória Sistêmica é mais do que lembrar; é carregar modificações que alteram respostas futuras.

Isso ajuda a compreender por que alguém pode reagir intensamente a um evento aparentemente pequeno. A intensidade atual não depende apenas do estímulo presente. Pode depender da estrutura já fragilizada, das perturbações anteriores e da maneira como elas foram integradas.

$$\text{Resposta}(t) = f(\text{estímulo atual, trajetória, memória, estrutura, } X)$$

Essa formulação me impede de julgar rapidamente a mim mesmo e os outros. Uma pessoa não é apenas aquilo que fez hoje. Também não pode usar a história como desculpa automática para qualquer ação. Trajetória explica sem necessariamente absolver. Responsabilidade e contexto podem coexistir.

Nesta obra, retorno várias vezes à infância. Não porque toda causa esteja lá. Seria outro reducionismo. Retornei porque certas perguntas atuais parecem conectar-se a desejos, medos e formas de compreender que já existiam muito antes do evento presente.

Uma pergunta antiga pode permanecer, mas produzir menos perturbação. Uma memória pode continuar verdadeira, mas deixar de governar todas as decisões. Um desejo pode permanecer central, mas tornar-se menos rígido. Uma fé pode continuar a mesma em seu núcleo e amadurecer em sua relação com o silêncio.

Isso não é voltar.

PARTE IV

DEUS: COMO EU TE OBSERVO

Fé, representação e a humildade de reconhecer o limite do observador

CAPÍTULO 13

O que eu creio, o que eu observo, o que eu não sei

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, existem coisas que eu creio, coisas que eu observo e coisas que eu simplesmente não sei. Talvez parte da minha angústia tenha vindo de tentar obrigar essas três regiões a caberem numa única certeza.

Eu creio em Ti. Observo acontecimentos, textos, pessoas, consequências, minha própria história. Interpreto tudo isso com a mente que tenho, com a formação que recebi, com a fé que carrego. E ainda existe aquilo que não consigo nomear.

Dá-me humildade para dizer 'eu não sei' sem sentir que estou Te negando. Dá-me coragem para dizer 'eu creio' sem fingir que transformei a fé em medição. E dá-me honestidade para reconhecer que a minha experiência não é a medida de todas as experiências.

VOZ II · O AUTOR

Eu precisava de um método para falar de Deus sem fazer duas coisas que considero intelectualmente desonestas: reduzir a fé àquilo que a ciência consegue medir ou chamar de ciência aquilo que é confissão de fé.

Foi então que organizei quatro movimentos.

Eu creio.

Eu observo.

Eu interpreto.

Eu não sei.

“Eu creio” não é uma forma enfraquecida de “eu sei”. É outra categoria. Quando digo que Cristo morreu por mim, que Deus ouve minha oração ou que o Espírito Santo me acompanha, estou fazendo afirmações confessionais dentro da tradição cristã. Posso apresentar bases textuais e históricas da crença. Posso discutir argumentos. Mas não devo fingir que a proposição se tornou experimental apenas porque escrevi uma equação ao lado dela.

“Eu observo” refere-se ao que aparece no espaço observacional: acontecimentos, textos, comportamentos, efeitos, memórias, documentos, mudanças, regularidades.

“Eu interpreto” reconhece que observação não chega ao pensamento sem mediação. Eu organizo aquilo que vejo por categorias, linguagem, teoria, tradição e trajetória.

“Eu não sei” preserva X.

Minha imagem de Deus carrega minha infância, as igrejas que frequentei, os textos que li, as orações respondidas como eu esperava, as que não foram respondidas, as pessoas que amei, as perdas, o medo, a culpa, a esperança e a maneira como aprendi a nomear o sagrado.

Minha responsabilidade é não transformar minha experiência em medida universal de Deus.

Eu posso dizer: “foi assim que eu O observei”.

Posso dizer: “foi assim que minha fé interpretou aquilo que vivi”.

Posso dizer: “este texto bíblico me levou a esta compreensão”.

E posso dizer: “não sei”.

Talvez essa última frase seja uma das formas mais sinceras de reverência que um observador limitado pode oferecer.

VOZ III · A TCI

Essa última categoria talvez seja a mais difícil. Em religião, existe uma tentação compreensível de preencher qualquer vazio com uma explicação devocional. Em ciência, existe uma tentação paralela de tratar como inexistente aquilo que ainda não é observável pelos instrumentos disponíveis. Ambas podem produzir excesso de confiança.

A TCI me obriga a lembrar:

$$M = \Phi(O,R)$$

O modelo depende do objeto e do observador. Minha representação de Deus, portanto, diz algo sobre aquilo que busco representar e muito sobre quem sou enquanto observo.

Isso não significa que Deus seja criação da minha mente. Significa apenas que a representação que possuo não chega a mim sem passar pelo observador que sou.

A Relatividade Observacional da TCI não afirma que todas as interpretações são igualmente corretas. Afirma que diferentes observadores podem preservar propriedades distintas da mesma realidade e que a divergência não é automaticamente prova de que todos estejam errados ou todos estejam certos.

Aplicada à religião, essa cautela precisa ser dobrada. Diferenças de experiência não bastam para resolver questões teológicas. Mas ajudam a compreender por que pessoas sinceras podem perceber o mesmo texto, o mesmo sofrimento ou a mesma tradição de maneiras diferentes.

CAPÍTULO 14

O Deus que eu não posso comprimir

VOZ I · PENSAMENTO

Ó Deus, eu queria conhecer os Teus pensamentos. Queria ver o que está dentro do Teu coração. Queria compreender por que algumas respostas chegam e outras não, por que alguns caminhos se abrem e outros permanecem fechados.

Mas se Tu és Deus, eu não posso Te reduzir ao tamanho da minha explicação. Posso Te conhecer sem Te esgotar. Posso me relacionar contigo sem possuir a totalidade do que és. Posso receber direção sem receber o mapa completo do futuro.

Talvez eu tenha pedido tantas vezes uma representação total porque queria eliminar a vulnerabilidade. Queria saber antes de decidir, entender antes de aceitar, ver o resultado antes de confiar. Ensina-me a buscar sabedoria sem tentar substituir a fé por controle.

VOZ II · O AUTOR

Todo livro comprime.

Este livro comprime uma trajetória que nenhuma sequência de páginas poderia esgotar. Comprime anos de vida em capítulos. Comprime infância, relações, trabalho, fé, teoria, família e dor em algumas dezenas de páginas. Mesmo quando tento ser fiel, seleciono.

Do ponto de vista da fé cristã, Deus não é simplesmente um objeto entre outros objetos do universo. É Criador, fundamento, transcendente e, ao mesmo tempo, revelado. A teologia cristã fala de um Deus que pode ser conhecido sem ser exaurido pelo conhecimento humano.

Meu problema religioso talvez tenha sido, muitas vezes, querer que Deus me entregasse uma representação completa o suficiente para que eu não precisasse mais confiar.

Queria conhecer a vontade antes de obedecer.

Queria conhecer o resultado antes de decidir.

Queria conhecer a causa antes de aceitar.

Queria conhecer o futuro antes de descansar.

Percebo agora que algumas dessas demandas não são simplesmente busca de sabedoria. São tentativas de reduzir vulnerabilidade por meio de conhecimento antecipado.

Isso não torna errado pedir direção. A Bíblia está cheia de pessoas pedindo sabedoria. O problema é imaginar que fé verdadeira significa possuir previamente a modelagem completa do caminho.

A casa sobre a rocha não recebe a previsão meteorológica perfeita de todas as tempestades futuras. Recebe fundamento.

Paulo não recebe a explicação completa do espinho. Recebe graça suficiente.

A mulher samaritana não recebe uma enciclopédia sobre a vida. Recebe um encontro.

Jó, ao final de seu livro, recebe um discurso divino que amplia radicalmente a escala da realidade, mais do que uma cadeia causal simples para cada perda.

Essas narrativas não são iguais, mas compartilham uma recusa da ideia de que a relação com Deus precise se reduzir à entrega de informação utilitária.

Talvez “Deus: Como Eu Te Observo” seja, no fundo, um título incompleto de propósito. Não diz “Deus: Quem Tu És”. Não tenho essa pretensão. Diz apenas que existe um observador, uma trajetória e uma tentativa.

Eu Te observo pela Escritura.

Eu Te observo pela fé.

Eu Te observo por aquilo que interpreto como graça.

Eu Te observo também pelo silêncio que não sei explicar.

O Deus em quem creio precisa ser maior do que a minha capacidade de descrevê-Lo.

Caso contrário, eu não estaria adorando Deus. Estaria adorando meu próprio modelo.

VOZ III · A TCI

Se a TCI estiver correta em seu núcleo, não existe representação sem seleção.

Então surge a questão inevitável: o que acontece quando o objeto do discurso é Deus?

Essa linguagem se aproxima, sem ser idêntica, da intuição epistemológica que desenvolvi: conhecer não é possuir a totalidade daquilo que é conhecido.

Eu posso conhecer uma pessoa sem conhecer todos os seus pensamentos. Posso conhecer uma cidade sem percorrer todas as ruas. Posso conhecer uma teoria sem esgotar todas as suas consequências. O fato de um conhecimento ser parcial não o torna automaticamente falso.

parcialidade ≠ falsidade

Mas parcialidade também não autoriza totalização.

conhecimento local $\neq$ realidade integral

E reconheço que o meu modelo não é o Teu tamanho.

$\dim(M_Deus) < \text{dimensão da realidade que a fé atribui a Deus}$

A expressão funciona como limite filosófico: lembra de que nenhuma linguagem minha pode reivindicar equivalência com aquilo que pretende nomear.

CAPÍTULO 15

A pergunta permanece

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor, a pergunta permanece. Eu ainda quero respostas. Ainda quero compreender por que sofri, como construir a família que desejo, qual é o meu propósito, qual caminho devo tomar.

Mas algo mudou em mim. Eu já consigo perguntar também: o que farei com a vida que continua? Que fundamento construirei? Que bem posso fazer hoje? Como permanecerei contigo enquanto a resposta que espero não chega?

Eu não quero preencher o silêncio com mentiras. Não quero transformar hipótese em certeza. Não quero chamar medo de revelação. Quero continuar observando, estudando, escrevendo, amando, agindo e crendo. Se eu puder compreender, que eu compreenda. Se eu não puder, que eu continue.

VOZ II · O AUTOR

Durante muitos anos, eu quis respostas.

No final, continuo querendo.

Essa é uma conclusão importante porque impede que o livro termine com uma falsa iluminação. Escrever estas páginas não me fez saber por que cada sofrimento aconteceu. Não recebi uma explicação verificável para cada silêncio. Não descobri a forma exata do meu futuro. Não encontrei uma função matemática que calcule propósito.

A pergunta permanece.

Mas alguma coisa mudou no observador.

“Por que estou sofrendo?” continua sendo uma pergunta.

Mas agora ela convive com outra: “o que farei com a vida que continua?”

“Por que Deus não responde?” permanece.

Mas agora convive com: “posso permanecer com Deus enquanto não recebo a resposta que espero?”

“Quando terei a família que desejo?” permanece.

Mas agora convive com: “que fundamentos preciso construir para sustentar aquilo que desejo?”

“Qual é meu propósito?” permanece.

Mas agora convive com: “que bem posso fazer com aquilo que já sou hoje?”

Eu termino este livro da mesma maneira que comecei: falando com Deus.

Mas a forma de perguntar mudou.

Eu ainda digo: “Senhor, responde-me”.

Agora consigo acrescentar: “e, enquanto a resposta não vier, ensina-me a não preencher o silêncio com mentiras; ensina-me a fazer aquilo que está ao alcance da minha ação; ensina-me a reconhecer o que não sei; ensina-me a construir sobre fundamento; ensina-me a amar sem controlar; ensina-me a escrever sem pretender encerrar a realidade; ensina-me a continuar”.

Se a fé me ensinou alguma coisa sobre a vida, foi que aquilo que fica de fora da minha representação não precisa ficar de fora da minha esperança.

Eu não possuo a realidade inteira.

Eu não possuo Deus.

Eu não possuo o amanhã.

Mas possuo uma pergunta, uma trajetória, uma fé e a possibilidade de continuar observando.

E, por enquanto, isso me basta.

VOZ III · A TCI

A Conservação das Perguntas, na TCI, sugere que o avanço do conhecimento não extingue necessariamente as perguntas; ele reorganiza o espaço em que elas existem. Talvez minha trajetória de fé tenha realizado algo semelhante em mim.

Esse deslocamento não resolve X. Modifica o peso de X sobre a trajetória.

$$Q(t_1) = Q(t_2), \text{ mas } P_O(Q, t_1) \text{ pode ser diferente de } P_O(Q, t_2)$$

A mesma pergunta pode produzir perturbações diferentes em observadores que mudaram.

Talvez fé madura não seja ausência de interrogação. Talvez seja capacidade de sustentar relação, responsabilidade e esperança sem exigir que toda região desconhecida seja imediatamente preenchida.

Isso não significa aceitar passivamente qualquer realidade. Há situações em que a fé exige ação, denúncia, justiça, cuidado, tratamento, limite, reconstrução. A aceitação de Ignorância Residual não é aceitação de injustiça evitável.

Também não significa que toda resposta seja subjetiva. A realidade impõe resistência às nossas representações. Algumas interpretações são incompatíveis com evidências, textos, fatos e consequências observáveis. Reconhecer limite não é abandonar verdade.

Ao contrário: é uma forma de buscá-la sem fingir possuí-la integralmente.

Se a TCI me ensinou alguma coisa sobre o conhecimento, foi que toda representação deixa algo de fora.

Epílogo - As três vozes se encontram

VOZ I · PENSAMENTO

Senhor meu Deus, obrigado porque eu ainda posso perguntar. Não permita que a minha necessidade de compreender se transforme em arrogância diante daquilo que não alcanço.

Se eu puder compreender, que eu compreenda. Se eu não puder, que eu continue. Se eu errar, que eu aprenda. Se eu cair, que eu não confunda queda com identidade final. Se eu for refeito, que eu não exija voltar exatamente ao que era antes, mas aprenda a carregar a trajetória sem permitir que ela destrua o futuro.

Que Cristo seja maior do que a resposta que ainda não tenho. Que a Tua graça me baste sem me tornar indiferente à verdade. Que a fé não seja fuga da realidade, mas coragem para permanecer nela sem pretender possuir a sua totalidade. E que, se eu continuar perguntando durante toda a vida, eu continue também Te buscando. Amém.

VOZ II · O AUTOR

Eu termino sem declarar que cheguei ao fim da pergunta. A honestidade desta obra exige outra conclusão: continuo querendo compreender. A diferença é que já não preciso transformar toda região aberta em sinal de abandono.

O menino que olhava o céu, o homem que buscou família, o pai que teme pelos filhos, o profissional que aprendeu linguagens diferentes e o pesquisador que formalizou a TCI continuam presentes. O observador não foi substituído; foi acumulado.

Talvez o sentido mais profundo desta escrita seja este: permitir que a pergunta permaneça sem permitir que ela ocupe sozinha todo o espaço da vida.

VOZ III · A TCI

A TCI encerra este percurso onde começou: nenhuma representação esgota a realidade. O observador participa do modelo que constrói, sua trajetória altera sua capacidade de observação e a Ignorância Residual permanece como limite estrutural.

A pergunta pode ser conservada enquanto muda o observador que a carrega. Formalmente, o conteúdo de Q pode permanecer enquanto sua perturbação sobre O varia ao longo da trajetória. O desconhecido continua existindo; a representação continua parcial e, ainda assim, a vida continua.

$$Q(t_1) = Q(t_2), \text{ mas } P_O(Q, t_1) \neq P_O(Q, t_2)$$

Caderno conceitual - TCI nesta obra

Compressão Observacional

Processo pelo qual um observador transforma uma realidade complexa em uma representação de menor dimensionalidade. Nesta obra, lembra que toda linguagem sobre sofrimento, família, identidade e Deus preserva algumas propriedades e deixa outras de fora.

Modelo (M)

Representação construída pelo observador. Modelo não é sinônimo da realidade que procura representar.

Observador (O)

Sistema capaz de construir representações. Aqui, o autor é também objeto de análise: sua trajetória participa da forma como lê a realidade e a fé.

Ignorância Residual (I)

Região da realidade que permanece fora da representação construída. A TCI não trata a Ignorância Residual absoluta como grandeza diretamente mensurável.

Espaço Observacional (Ω)

Conjunto de dimensões da realidade acessíveis ao observador em determinado contexto.

Trajetoória Observacional

Evolução histórica do conhecimento e da experiência; permite compreender fenômenos que não podem ser reduzidos a estados instantâneos.

Persistência Causal

Possibilidade de uma perturbação continuar influenciando o sistema depois do evento inicial.

Memória Sistêmica

Modificações estruturais acumuladas pela história de um sistema e capazes de alterar respostas futuras.

Relatividade Observacional

Princípio segundo o qual observadores diferentes podem preservar propriedades distintas da mesma realidade sem que toda divergência implique automaticamente erro.

Conservação das Perguntas

Ideia de que a expansão do conhecimento reorganiza perguntas e amplia novas regiões investigáveis, em vez de simplesmente extinguir toda interrogação.

X - variável não observada

Símbolo para preservar aquilo que ainda não pode ser atribuído com segurança.

Dor epistemológica

Hipótese filosófica desta obra: sofrimento associado à discrepância entre a necessidade de compreender e a insuficiência da representação disponível.

Compressão existencial

Hipótese filosófica desta obra: representação suficientemente significativa para que o observador continue agindo sem exigir acesso integral às causas, consequências e possibilidades do sistema.

Suficiência epistemológica

Hipótese filosófica desta obra: estado em que o observador reconhece a incompletude de sua representação, mas deixa de exigir a eliminação de toda Ignorância Residual como condição para continuar vivendo, decidindo ou encontrando sentido.

Espaço de ação A_O

Recurso conceitual desta obra para distinguir aquilo que o observador consegue perceber daquilo sobre o que possui capacidade efetiva de intervenção.

Referências

BATISTA, Nedson Moreira. Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica: Fundamentos Epistemológicos, Formalização Matemática e Programa de Pesquisa. Versão 16.0. Monte Mor: Autor, 2026.

BÍBLIA SAGRADA. Referências utilizadas ao longo da obra: Gênesis 3; Êxodo 13, 16 e 32; 1 Samuel 13; 1 Reis 18-19; Jó 1-3 e 38-42; Salmos 8, 13, 19, 22, 73, 121 e 127; Provérbios 24; Isaías 55; Jeremias 18; Habacuque 1; Mateus 6, 7 e 28; Lucas 6; João 1, 4 e 9; Romanos 5, 11 e 12; 1 Coríntios 1 e 13; 2 Coríntios 4, 5 e 12; Gálatas 2; Filipenses 1, 2, 3 e 4; 1 João 5.

Sobre o autor

Nedson Moreira Batista é pesquisador independente e autor da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI). Sua atuação profissional e intelectual percorre regulação sanitária, auditoria, saneamento ambiental, qualidade, sistemas complexos, ciência de dados, inteligência artificial e investigação dos limites da representação.

Em Deus: Como Eu Te Observo, o autor ocupa deliberadamente outra posição: a de observador de si mesmo diante de Deus. A obra atravessa infância, família, sofrimento, escrita, fé e propósito, utilizando a TCI como terceira voz para examinar os limites e as compressões por meio das quais uma pessoa tenta compreender a própria existência.

DEUS:

COMO EU TE OBSERVO

Entre a oração e a observação, Nedson Moreira Batista conduz o leitor por uma jornada íntima e reflexiva sobre Deus, o sofrimento, o silêncio, a esperança e os limites da compreensão humana. Amparado pela TCI, o autor não tenta aprisionar o Eterno em fórmulas; antes, examina o próprio observador: sua infância, sua família, suas dores, sua fé e sua busca por sentido.

Em linguagem sensível e profunda, esta obra convida o leitor a reconhecer que nem tudo pode ser reduzido ao que se vê, e que a vida sobre a rocha exige discernimento, perseverança e confiança mesmo quando a tempestade se ergue e as ondas se levantam.

*“Quero compreender sempre que puder.
Quando não puder, preciso aprender
a continuar.”*

— Síntese desta obra

SOBRE O AUTOR

Nedson Moreira Batista é pesquisador independente, consultor regulatório e autor da Teoria da Compressão da Ignorância e da Perturbação Sistêmica (TCI). Nesta obra, une fé cristã, experiência de vida, observação e reflexão filosófica em um convite honesto ao encontro com Deus e com os próprios limites humanos.

FÉ
PERSEVERANÇA
DISCERNIMENTO
ESPERANÇA

PROVISÃO
PROPÓSITO
VIDA PLENA

SOBRE
A ROCHA
HÁ FUTURO
—
Mt 7.24

SEM
ALICERCE
TUDO
DESABA
—
Mt 7.26